

## REVISTA DA TRIBUNA

Coordenador,  
RUY REBELLO PINHO

**E**M fins do ano passado, o "Worldwatch Institute", organização dedicada a estudos antecipatórios com o patrocínio da ONU, e o Gabinete de Estudos sobre o Amanhã formalizaram acordo para mútua divulgação de suas pesquisas, pois, embora sob enfoques e técnicas de análises diferentes, a mesma preocupação, no desvendar o futuro e no buscar alternativas menos alarmantes para o homem, fundamentou a origem das duas instituições.

Desde então, ambas entidades têm tido amplo acesso aos trabalhos já desenvolvidos, em cada país, o Gesa mais dedicado à prospecção econômica e sociológica, assim como as mutações do instrumental jurídico à disposição do mundo, e o "Worldwatch" às alterações das condições de sobrevivência do homem, num mundo que atinge seu ponto crítico de equilíbrio no concernente à correta exploração de seus recursos naturais.

Entre os diversos estudos antecipatórios do "Worldwatch" encontra especial relevo aquele dedicado ao futuro do automóvel em um mundo de petróleo limitado, intitulado "Correndo no Vazio". Seus autores, os professores Lester R. Brown, Christopher Flavin e Colin Norman, pesquisadores exclusivos do Instituto Norte-Americano, não são particularmente otimistas sobre a continuação do que denominaram "A Era do Automóvel", em irremediável crise, após 1973.

E por meio de amplo estudo, por todo o mundo, sobre os problemas da indústria automobilística, comprovam, por inúmeras fontes e pesquisas, que o período de uma economia universal, em que o "status" social tinha no carro sua marca maior, está definitivamente encerrado, sem alternativas, a curto prazo, para substitutivos adequados.

A mera reformulação de seus padrões (carros menores com motores mais econômicos) ou a busca de soluções energéticas diversas (álcool, gásócool, motor elétrico) não representam senão fórmulas paliativas para retardar o processo que terminará por influenciar decididamente a forma de ser de cada cidadão do globo. Isto porque, dificilmente, poderá o mundo manter o volume surpreendente de mais de 300 milhões de veículos diariamente circulando por suas estradas e ruas, ao

## Automóvel e suas perspectivas

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

custo atual da energia insubstituível (petróleo) ou da renovável (álcool de cana, de milho, elétrica, etc.).

Por outro lado, a crise da indústria automobilística fatalmente afetará os próprios padrões econômicos das sociedades capitalistas ou socialistas, mais àquelas do que estas, pelo peso que sua criação de riquezas têm representado no desenvolvimento das nações de cada bloco.

Embora sugerindo alternativas para a substituição, onde possível, de transporte individual pelo coletivo e a adoção das soluções em estudo, seus autores terminam a obra com um capítulo intitulado "as difíceis escolhas", onde não escondem um certo ceticismo sobre o que está em andamento e as possibilidades de sobrevivência, ao nível atual, da indústria automobilística.

Aconselhamos a leitura de meticolosa e bem fundamentada obra, principalmente para aqueles hoje envolvidos na grande crise do setor, no Brasil, quando das negociações para enfrentar-se os reflexos da queda de consumo, sejam ministros, empregadores ou empregados.

O estudo do futuro, de forma científica e séria, nos dias atuais, deveria ser a principal função dos políticos, como já, anos atrás, propusemos em nosso livro "O Estado de Direito e o Direito do Estado", até mesmo sugerindo a criação de um Ministério de Estudos Futuros, solução de resto já adotada por países politicamente mais estáveis que o nosso, como é o caso da Suécia.

Enquanto tal projeção seja ainda inviável, no País, esperamos, pelo menos, que o bom-senso predomine no combate às dificuldades existentes, para que aos problemas atuais não sejam acrescidos aqueles decorrentes da insensibilidade conjuntural. Isto porque sempre que o homem perde de vista o conjunto para exame de cada parte separadamente, termina por perder também a perspectiva do tempo e do espaço. E infelizmente, quando tal acontece — e a história está aí para demonstrar — as leis naturais são mais fortes e não perdoam o descompasso.

Ives Gandra da Silva Martins é advogado tributarista e presidente do Gabinete de Estudos Sobre o Amanhã — Gesa.

## O Plágio no Direito Brasileiro

O direito do autor somente passou a ser levado em conta com o surgimento da Imprensa, ocasião em que surgiram os privilégios concedidos a autores para a exploração econômica de uma obra. Hoje, ao contrário, com o desenvolvimento acelerado dos meios de comunicação, entre estes o rádio e a televisão, é ele disciplinado a nível internacional, bem como no plano nacional, assegurado

bem como o campo das belas artes industriais, o que põe muitas vezes em cheque o arbitrio do julgador, até mesmo quando orientado por peritos de reconhecida competência. Por esses motivos, a fragilidade de provas comumente apresentadas não têm dado, via de regra, acolhida às acusações de plágios perante a Justiça.

Sempre existiram, mas proliferam, de maneira

ficção de obra literária, por sua vez, é fenômeno antigo. No decorrer da história literária e da arte deparamos com vários espécimes nesse sentido. Camões, tido como gênio, foi acusado de plagiar Rodrigo Lobo. "As armas e os vultos assinalados" nada mais são que "arma virumque cano", de Virgílio, que também foi acusado de seguir as pegadas de Homero, para produzir "Henei-

## Das Forn

SILVIO DE MACEDO  
Da Academia Brasileira de Letras Jurídica

1. **Fundamentação:** Em Filosofia, forma é metafisicamente considerada como **arquétipo**, como **causa**, como **princípio**. Em lógica, formal (derivada forma), o **conceito** assume a forma tensiva ou a compreensiva. O **juízo** apresenta forma afirmativa ou negativa. O **argumento** traz as formas da contrariedade ou da contraditoriedade, ou seja, a análise das formas ou estruturas lógicas.

Na teoria do conhecimento, Kant distingue a **forma da matéria** do conhecimento. A primeira é "a priori", isto é, anterior à experiência, enquanto a segunda, "a posteriori", vem com a experiência.

A primeira, ainda, é transcendente (Crítica da Razão Pura).

A forma, ainda, é **intrínseca** ou **extrínseca**.

A forma intrínseca é o mesmo que forma interna, causa da forma exterior. É a "inteléquia" de Aristóteles, a "idé" de Platão, os "Lógoi spermatihól" dos filósofos estoicos, o "éndon éidos" Platão.

A forma intrínseca pode ser pesada em psicologia através das "mergulhadas", dos comportamentos subconscientes, dos "motivos" ou motivações dos atos morais, religiosos, das idéias crasias diversas.

Na estética, as formas internas foram consideradas como transformações de si mesmas.

A **forma extrínseca**, exteriorização da forma intrínseca, se identifica com **expressão**.

As formas estéticas são extrínsecas como as formas jurídicas.

A discussão sobre as formas intrínsecas e extrínsecas é a mesma sobre idéias e forma em geral, o que nos sugere uma investigação desde suas etimologias.

Na língua grega, temos os termos:

a) "morphê, ês" = forma, figura, rítmica, aspecto, exterior // Corpo, prosa, forma // Beleza, espécie, gênero claro;

b) "eidêa, as" = forma, aparência do verbo gr. "eideiên", perfeito "eidô", conhecer;

c) "eidos — cas, ous" = forma, figura, aspecto exterior (o grifo é nossa beleza, // **Idéia, representação mer** (o grifo é nosso) // Modo de ser, essência.

Na língua latina, o termo "**idea**" idéia, imagem, figura, símbolo, noção, **representação das coisas na mente**.

Vê-se, assim, na enumeração acima que o termo grego "éidas" é mais rico que o termo latino que lhe procura traduzir, representando tanto a forma interior (idéia) quanto a exterior, sensível restrita à "morphê" grega.

Coerente com a etimologia grega, "éidas" está Santo Tomás de Aquino quando diz que "**Idea** — palavra grega — significa o mesmo que a latina "**forma**", daí entender-se que a idéia forma existente de uma coisa fora de si (1). E justamente a forma de um ser ou serve de modelo de que é forma, é princípio de conhecimento.

Distinguindo a forma sensível da forma intelectual, entende que a última